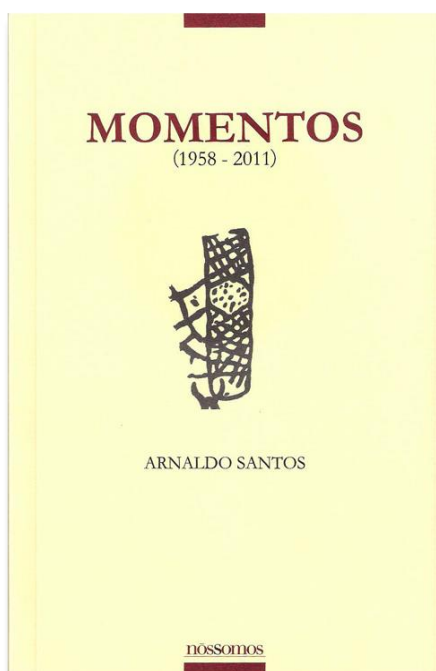


## ***Momentos (1958-2011), de Arnaldo Santos***

Ana T. Rocha



Em 2011, a editora NÓSSOMOS deu à estampa o livro de poemas do escritor e poeta angolano Arnaldo Santos, intitulado *Momentos (1958-2011)*.

Como o título indica, este livro compila poemas escritos ao largo de um período histórico angolano que inicia no tempo colonial e segue até aos anos de um passado mais recente, passando pelos tempos de luta e conquista da independência, pelo momento da morte do Primeiro Presidente Agostinho Neto e pelos anos de Guerra Civil. Através destas composições, podemos verificar o evoluir do fazer poético de Arnaldo Santos, bem como o desenvolvimento socio-histórico de Angola.

O grosso dos poemas aqui reunidos foi composto entre os anos de 1958 e 1974. Neste, é possível constatar a preocupação do sujeito jovem com os seus pares, o seu povo e, sobretudo, alguns grupos pertencentes a este, como as mulheres, suas crianças e os trabalhadores precários. O poema “Canção do fatal”, que lembra a canção “Mon’ami”, dos Ngola Ritmos, interpretada por Lourdes Van-Dunem, e o poema “Retrato de uma mulher nua, com soldados” são os dois grandes poemas que denunciam os abusos e os crimes do colonialismo sobre aquelas que se encontravam “duplamente” colonizadas, para usarmos uma expressão de Alda Espírito Santo.

Os poemas escritos entre os anos de 1974 e 1976 são expressões de esperança, vivacidade e iniciativa recriadora, consequentes da conquista da independência nacional, metaforizadas no homens “do futuro”.

Mas, na lira do poeta, o tom altera-se em 1979, tornando-se grave para cantar Agostinho Neto, no ano da sua morte, no belíssimo poema “Canto a um homem que não era árvore”.

As últimas décadas do século XX surgem representadas nos poemas de Arnaldo como o tempo da união e da força conjunta: “Marcharemos/seremos como o tempo/ marcharemos/ para a nossa una/ última e decisiva vitória”; “nesta terra de África/ que nos une/ e enraíza”.

Neste conjunto, há espaço ainda para a revelação da poesia como meio de expressão de afetos (homenagem a Agostinho Neto, referência a Henrique Abranches, dedicatórias aos pais, à esposa e aos amigos e escritores João-Maria Vilanova e José Luandino Vieira), e como meio de análise e verificação de si mesmo (“Desterro do ambaquista” e “Na outra margem”), sem nunca perder o lado engajado (“Sabra e Chatila”).

